

Da rasura, da “marginália” e do silêncio como genealogia de um volume incerto¹

Galciani Neves

Problematizar uma ideia possível de anotação. Algo como um minúsculo excerto tão livre de forma e de função, um breve contato com o autor do livro que se abre aos olhos. Um comentário dirigido a nós mesmos, viabilizado pelo outro, beirando o insignificante, submetido tanto ao tempo, ao acaso ou mesmo a um não entendimento posterior. Ou ainda: ação apenas para não esquecer, e aí, rasurar o texto (já que texto é aquilo que existe quando lido, consumido, violentado), para evidenciar um limite, uma edição, um problema aparentemente leve, mas que pode vir a ser um provocador. E mais, adensando a questão: uma perspectiva de ver o fenômeno, que é algo em duração, implicado em uma outra concepção, numa construção artificial da leitura, que freia, age nas escolhas e busca a apropriação como chance ao destaque daquilo que lampeja como interesse.

Edgar Allan Poe acrescentaria que sempre solicitou que seus livros fossem editados com margens amplas. E, por isso, ele mesmo passou a considerar a força desses pensamentos sugeridos, acordos e diferenças de opinião ou breves comentários críticos feitos ladeando seus textos. Ele considera que fazer uma nota, “enquanto nós conversamos somente com nós mesmos” e, portanto, “conversamos vigorosa-audaciosa-originalmente”, é uma ação para não esquecer o local de fé que ali fora depositado. As “marginálias”, ele diz, têm uma tez clara, um propósito distinto, ainda que a priori não se saiba, mas é aí mesmo que se estabelece sua relevância no tempo.

É neste específico ponto – de um tempo de rasura como registro – que Thiago Honório efetiva o termo enquanto o maneja, tanto que chega a uma inflexão, mudando sua curvatura, numa singular inscrição da anotação. Daí que, talvez, a percepção da anotação se torna factível numa dialética do útil e do inútil, avaliada entre os pesos daquilo que se produziu no curso da leitura e daquilo que se marcou. Vista assim, a rasura suscita uma autoria: algo lido por um sujeito torna-se tão seu quanto íntimo é de seu “primeiro” autor. Coloca-se a leitura sobre a proteção do tempo? Rever, transferir entre o autor que largou sua inscrição ao qualquer e o leitor

¹ Texto originalmente publicado na peça gráfica *Títulos* do Paço das Artes. In: NEVES, Galciani. *Da rasura, da “marginália”, e do silêncio como genealogia de um volume incerto*. São Paulo: Paço das Artes, novembro de 2015.

que espalhou registros que agora se incluem como intervalos formativos de tempos. São páginas “desbeijadas”, conta Thiago. E conferem volumes escavados.

Detenho-me nos minúsculos gestos escultóricos desses volumes, procedimentos ordinários, mas muito atentos, que os modificam e os fazem prenes de camadas. O artista reconcebe o ritmo da leitura por uma escritura que entrecorta “a tessitura” (texto), para citar Roland Barthes, com o comparecimento de estratégias de uma metanarrativa que, em *Títulos*, sobrevive como rastro. Agora me refiro ao corte, ao lado oposto da lombada dos códex, ao que não se olha. E que, por ora, pode ser visto: imóvel, sedimentado, com a poeira do tempo. Circule o volume. Perscrute sua topografia. Depois de pinçar seus conteúdos, contornando os rios de palavras, o artista nos propõe um conceito de cena: entre o arquivo frenético, o acúmulo demorado e a espreita curiosa de quem não pode mais acessá-los. Tudo está prensado, inaudível. Deste corpo suspenso, saem rastros, marcas do ler, do analisar, do se colocar ao outro. Nada mais flui, seus nós atados, próprios da distinção de quem lê, estão interditados. Há aí uma multidão de autores retidos, acotovelando--se entre suas tantas vozes e a tensão de não podermos mais atacá-los. Tal como nos provocou Marcel Broodthaers, em 1964, quando resolveu enfileirar e fazer breçar em gesso os últimos cinquenta livros de sua coletânea de poesia, recém-lançada e tão bravamente editada *Pense-Bête* [Pensando como um animal]. Os volumes todos grudados uns aos outros passaram a ser expostos como um só corpo.

Tomando a literatura – escritura e leitura – como fluxo, ou como a ciência das letras na construção de objetos sociais que pressupõem ao menos duas pessoas em torno de um registro, ou seja, autor e leitor, a natureza dessa ciência, entre tantas, pode definir-se como rasura, rastro ou registro de quem ali se debruçou para constituir um ambiente e de quem ali, posteriormente, também se apartou de um todo para vivenciar outro tempo. Nessa concepção de tempos, pode ser inserida uma outra dimensão da literatura. Como volume, como corporeidade, como massa. *Títulos* é uma retenção de tempos, no estancar das páginas, física e visceralmente. Encarcerá-las pode ser a estratégia para pô-las em debate, sobressaindo-se, assim, uma literatura do vestígio e do não acessível, grafada por uma fenda que fere e tritura um tanto do corpo múltiplo. Não se trata somente de um registro contábil acerca do que já foi feito – muito embora a coleção tenha viabilizado sua presença –, mas, talvez, de um convite a exercitar uma prática do silêncio, dado que uma realidade de uma dimensão inteiramente diversa de sua origem, mais plasmática, mais insólita e mesmo mais

pausada lhe insurja. Assim, *Títulos* nos aclimata no desafio de dar importância ao que se perde.